

## NÃO PERDES PELA MORA



**Pedro Santos Guerreiro**  
pedrosantosg@gmail.com

**A**ntónio Costa diz-nos que o esforço do Estado no combate à pandemia é de 22 mil milhões de euros, o que daria 11% do PIB. O BCE diz que nem 3% foi. Quem mente? Ninguém: com a verdade nos enganam. Chamem-lhe gestão de expectativas, injeção de confiança ou propaganda, mas o país está preso por molas-moratórias, secando na corda da roupa de baixo de uma chuvada de grão comunicada como sendo céu nublado.

O problema não está nos apoios do Estado, mas na falta deles. As contas já reveladas sobre 2020 mostram que défice,

dívida, recessão, desemprego, rendimento médio dos trabalhadores, tudo caiu menos do que o esperado, o que parece desafiar as leis de Arquimedes. Só que por detrás desses números está o que devia estar à frente: o governo gastou e investiu menos do que anunciara inclusive em outubro. Pouçou. E assim sublimou o que praticou durante os anos precedentes nas cativações: anúncios seus são promessas, não compromissos.

João Leão anunciara que o défice não era prioridade, Siza Vieira dissera que era para gastar e depois logo se via, António Costa clamara este não era momento para austeridade, “nem hoje, nem amanhã, nem depois de amanhã”. Mas o Ministério das Finanças nunca tirou as mãos do volante e foi fazendo como os pilotos de *rally*, pisando os pedais do travão e do acelerador ao mesmo tempo. Entretanto, Portugal foi o terceiro país dos 19 da zona euro com menor esforço orçamental

no combate à pandemia. Quando o primeiro-ministro anuncia que o esforço do Estado com a pandemia é de €22 mil milhões, está a ver a quadruplicar o valor oficial de 2020. Mas não está a mentir: está a incluir os empréstimos bancários garantidos pelo Estado, dinheiro que pesa mais de metade daquele total anunciado mas de que o Estado só

---

**Adiámos dívidas, créditos, impostos, mas também investimentos, gestão hospitalar e até política. Vai correr bem**

---

deverá gastar 5% a 10%, segundo o BCE. Há quem engorde o porco para vendê-lo, o Governo engorda para mostrá-lo.

É evidente que o Estado português não pode praticar um “whatever it takes”, usando a famosa expressão de Mario Draghi, que agora se propõe salvar o euro pela segunda vez salvando o barril de pólvora que

é Itália. Mas há três reversões nesta “realidade paralela” que o governo anuncia sem praticar: a descredibilização das suas decisões; a falta crónica de investimento público, que trava a recuperação económica e frustra os serviços e a produtividade do Estado; e a compensação com medidas que parecem custar dinheiro. As moratórias

O país vive num artificialismo que se justifica transitoriamente, mas não é sustentável prazos tão longos. Adia-se o pagamento de impostos e perdoo-los. Adia-se o pagamento de créditos, mais de €40 milhões, incluindo mais de um quarto de todo o crédito à habitação. Até setembro. Já se tenta prolongar essa data.

O país não está de tanga, e não está em mora. Bom, e dizem-nos que a “bazuca” será rápida e certa como um *per*. E porque haveríamos de duvidar do Governo, se é tão rigoroso no que comunica e o Estado é tão bom a planejar a executar?